

OPINIÃO

A transformação digital não falha por falta de tecnologia, mas por excesso de expectativas

Everton Fernandes (*)

Por muitos anos, o discurso sobre transformação digital foi construído em torno da ideia de que novas tecnologias seriam, por si só, capazes de transformar organizações.

Inteligência artificial, computação em nuvem, automação e análise de dados passaram a ser apresentadas, dentro dessa premissa, como catalisadores inevitáveis de crescimento, eficiência e inovação. No entanto, ao observar de perto grandes programas de transformação digital em empresas de diferentes setores, torna-se evidente que o principal fator de falha raramente é tecnológico. O problema central está no desalinhamento entre expectativas estratégicas e a realidade técnica da implementação.

Diante disso, é importante lembrar que a infraestrutura tecnológica disponível hoje supera em muito a capacidade de absorção das organizações. O mercado de soluções digitais nunca foi tão maduro, acessível e diversificado. O gargalo, portanto, não é de oferta tecnológica. É de calibração entre o que a tecnologia pode entregar e o prazo em que a liderança espera que ela entregue.

Os dados ajudam a materializar essa desconexão. Um estudo global da Gartner (2024) mostrou que aproximadamente 48% das iniciativas digitais atingem ou superam os resultados de negócio esperados. Outro relatório da Boston Consulting Group, do mesmo ano, indica que 74% das empresas admitem que estão lutando para gerar e escalar qualquer valor real com suas iniciativas de transformação e IA. Esses números não refletem escassez de soluções. Ao contrário, reforçam que, em um ambiente onde a tecnologia é abundante e cada vez mais sofisticada, o fator limitante tem sido a expectativa inflada das lideranças, que frequentemente subestimam o tempo, a complexidade organizacional e a mudança cultural necessários para transformar capacidade tecnológica em valor concreto.

Do ponto de vista técnico, transformação digital é essencialmente um processo de modernização arquitetural progressiva. Envolve reestruturação de sistemas legados, adoção de arquiteturas distribuídas, integração por APIs, reengenharia de dados e automação de fluxos operacionais. Cada um desses elementos possui limitações técnicas claras como dependências entre sistemas, dívida tecnológica acumulada, restrições de governança e complexidade de integração.

Por isso, quando organizações tratam transformação digital como um projeto isolado ou, pior, como uma iniciativa de curto prazo, elas criam uma expectativa incompatível com a natureza incremental da engenharia de software em larga escala. A substituição de um ecossistema de sistemas legados por arquiteturas modernas não ocorre em meses. Frequentemente, exige ciclos de três a cinco anos, especialmente em empresas com operações complexas.

Outro ponto bastante negligenciado é a maturidade de dados. Muitas estratégias digitais partem da premissa de que dados

organizacionais estão estruturados, governados e disponíveis para uso analítico, sendo base para a transformação digital da empresa. Mas a vida real dessa organização pode ser um pouco diferente disso.

Algo semelhante ocorre com inteligência artificial. A narrativa de mercado sugere que modelos avançados podem ser rapidamente aplicados a processos empresariais. Entretanto, a implementação de IA em ambientes corporativos depende de pipelines de dados confiáveis, infraestrutura de processamento adequada, mecanismos de monitoramento de modelos e integração com sistemas transacionais existentes. Sem esses elementos, a tecnologia permanece confinada a provas de conceito.

Também existe outro fenômeno recorrente no mercado, que é a confusão entre adoção tecnológica e transformação digital. Implementar ferramentas modernas, como as plataformas SaaS, soluções de automação ou sistemas de analytics, não significa necessariamente transformar processos ou arquiteturas operacionais. Muitas organizações acabam criando uma camada adicional de tecnologia sobre estruturas antigas, aumentando a complexidade em vez de reduzi-la.

Essa abordagem gera o que alguns analistas chamam de "complexidade digital acumulada". Sistemas modernos são adicionados ao ambiente corporativo sem a remoção equivalente de sistemas legados, resultando em arquiteturas híbridas cada vez mais difíceis de manter.

Na prática, programas de transformação digital bem-sucedidos costumam seguir uma lógica menos ambiciosa e mais técnica. Em vez de prometer reinvenções completas do modelo de negócio em prazos curtos, concentram-se em três pilares estruturais: modernização arquitetural gradual, governança de dados e automação incremental de processos críticos.

Observando esse cenário, é possível dizer que empresas que obtêm resultados consistentes geralmente tratam transformação digital como um programa contínuo de engenharia organizacional, e não como um projeto estratégico isolado. Isso significa aceitar que valor tecnológico surge de ciclos cumulativos de melhoria, e não de grandes saltos disruptivos.

Em suma, a tecnologia disponível atualmente é extraordinariamente poderosa. Plataformas de nuvem permitem escalabilidade quase ilimitada, modelos de inteligência artificial atingem níveis inéditos de capacidade e ferramentas de automação conseguem redesenhar processos complexos. No entanto, essas capacidades técnicas não eliminam a necessidade de arquitetura bem planejada, integração cuidadosa e maturação gradual de sistemas.

Portanto, o principal desafio da transformação digital não está em adquirir tecnologia, mas em alinhar expectativas executivas à realidade técnica da implementação. Quando expectativas são calibradas corretamente, reconhecendo complexidade, dependências e ciclos de evolução tecnológica, as organizações deixam de buscar transformações instantâneas e passam a construir vantagem digital de forma sustentável.

(*) Senior Manager, Solutions Engineer da Cloudera no Brasil.

10% das respostas do Google contém erros

A maioria dos motores de busca já apresenta aos usuários, como padrão, respostas produzidas por inteligência artificial, prática que vem causando controvérsias em torno da precisão dessas respostas.

Vivaldo José Breternitz (*)

Segundo o *New York Times*, cerca de uma em cada dez respostas dadas pela IA do Google contém informações falsas. Considerando que o buscador processa aproximadamente 5 trilhões de consultas por ano, isso poderia expor usuários a mais de 57 milhões de respostas incorretas por hora, quase 1 milhão por minuto.

Os números foram levantados pela Oumi, uma startup baseada em Seattle, mas como sua metodologia depende de ferramentas de IA, pode ser que esses números não sejam precisos. Além disso, o Google/Gemini gera respostas diferentes para a mesma consulta, mesmo quando repetida com intervalo de segundos. Um porta-voz da empresa classificou os testes da Oumi como falhos, alegando que não refletem o comportamento real dos usuários.

Outro desafio é a origem das informações. Embora o Google tente sustentar suas respostas com links relevantes, muitas vezes estes não confirmam as afirmações, sejam elas corretas ou não. Em alguns casos, uma resposta incorreta contém um link com dados corretos; em outros, uma resposta erra ao citar uma fonte. E o que é pior: os erros aumentaram a partir de fevereiro, quando o Gemini 3 substituiu o Gemini 2.



AS_Photography_de_Pexels_CANVA

Profissionais da área também alertam para a vulnerabilidade à manipulação. Recentemente um jornalista da BBC publicou em seu blog um post com informações falsas, estapafúrdias, e, no dia seguinte, viu o Gemini reproduzir essas informações.

Não por acaso, as próprias empresas de tecnologia reconhecem, em seus termos de uso, a fragilidade da relação da IA com a verdade. A Microsoft descreve o Copilot como ferramenta voltada ao en-

treinamento, não para decisões críticas. O Google recomenda que usuários do Gemini verifiquem as respostas, enquanto a xAI admite que alucinações podem ocorrer.

O que se dizia na Roma antiga continua valendo: "caveat emptor" ou em bom português, "o comprador deve ficar atento"...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - vjntz@gmail.com.

Bridge & Co. abre programa de estágio para formar talentos em tecnologia, dados e consultoria

Em um mercado com alta escassez de profissionais qualificados em tecnologia, a Bridge & Co., empresa brasileira de consultoria e tecnologia especializada em automação de processos, dados e Inteligência Artificial, anuncia a abertura do Programa de Estágio 2026. Para participar, é necessário ter vínculo ativo com uma instituição de ensino superior nos cursos de Engenharia, Administração, Economia, Estatística, Ciência da Computação, Sistemas de Informação ou áreas correlatas, com previsão de conclusão a partir de dezembro de 2026. As inscrições vão até 16 de abril, com vagas para São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e modelo remoto.

Com cerca de 10 vagas e oportunidades nas áreas de tecnologia e consultoria, o programa é direcionado a estudantes que buscam acelerar a formação por meio da atuação direta em projetos reais e contato com clientes. Na Bridge, os estagiários passam a integrar equipes multidisciplinares, atuando ao lado de consultores, lideranças e sócios da empresa. O modelo prioriza o desenvolvimento técnico e comportamental a partir da prática, com evolução progressiva de responsabilidades.

"O estagiário na Bridge participa ativamente dos projetos e do dia a dia do negócio.



A ideia é desenvolver profissionais com visão crítica e capacidade de gerar valor desde o início da carreira", destaca Carlos Eduardo Carvalho, Sócio-Diretor e CEO da Bridge & Co.

O processo seletivo inclui etapas como apresentação institucional (presencial para vagas de consultoria no Rio de Janeiro e em São Paulo, e online para consultoria em Belo Horizonte e para a área de tecnologia),

resolução de casos práticos, avaliação técnica e entrevistas com lideranças. No momento da inscrição, o candidato pode escolher a área de atuação.

Entre os diferenciais do programa estão a mentoria direta com executivos, incluindo sócios, acesso a uma plataforma interna de treinamentos e uma jornada estruturada de desenvolvimento. A experiência é ampliada pela participação em projetos de diferentes segmentos, proporcionando uma formação abrangente e aplicada. O programa também prevê efetivação ao final do ciclo, com possibilidade de contratação antecipada para candidatos com desempenho acima da média e proximidade da conclusão da graduação.

A iniciativa faz parte da estratégia da Bridge & Co. de desenvolver talentos internamente em um cenário de alta demanda por profissionais qualificados. "Existe uma lacuna clara no mercado. Formar profissionais desde a base é uma forma de garantir consistência técnica e alinhamento com a cultura da empresa", completa Carvalho. As inscrições podem ser realizadas pelo site oficial do programa: <https://www.bridgeconsulting.com.br/programa-de-estagio-2026/>.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Algar lança Portal Empresas unificado e avança em sua estratégia de transformação digital

@A Algar anuncia o lançamento de seu novo portal B2B, uma plataforma completamente redesenhada para unificar e simplificar a gestão de serviços para seus clientes corporativos. A iniciativa, que prevê um cronograma de evoluções e integrações até o final deste ano, é um pilar central na estratégia da companhia de aprimorar o relacionamento digital e empoderar os clientes com ferramentas mais ágeis e intuitivas. O novo portal tem como principal benefício criar um hub de soluções integrado. Nesta primeira fase, os clientes terão acesso a uma interface mais moderna e performática, com uma visão consolidada de faturas e cobranças, além da gestão de produtos e contratos.

Líder em plataformas de dados e IA

@A Cloudera divulga resultados expressivos ao iniciar o ano fiscal de 2027 com o seu evento anual de lançamento de vendas, o ELEVATE27. O ano anterior foi marcado por um forte crescimento, conquista de clientes, expansão de parcerias e inovação contínua para fortalecer a posição da empresa como a única plataforma híbrida de dados e IA do setor. O desempenho da Cloudera ressalta a crescente demanda das empresas por plataformas de dados e IA flexíveis e seguras que operam perfeitamente em nuvens, centros de dados e ambientes edge (<https://br.cloudera.com/>).